

ABERTURA

AMÉLIA COHN
(*Presidente do CEDEC*)

JACQUES MARCOVITCH
(*Reitor da Universidade de São Paulo*)

AMÉLIA COHN – Nesta ocasião, ao dar início ao seminário “Pensar o Brasil”, que comemora os 25 anos do CEDEC, creio oportuno considerar duas perguntas que estarão bailando nas cabeças dos participantes e convidados: por que este tema, e por que a ausência de pesquisadores do CEDEC nas mesas dos expositores convidados. Para nós, do CEDEC, essas questões remetem de imediato ao que este seminário expressa em termos da trajetória percorrida, e a percorrer, pela nossa instituição.

Daí porque lembrar duas iniciativas anteriores, dentre as inúmeras realizadas pelo CEDEC. A primeira delas diz respeito ao seminário sobre “Direito, cidadania e participação”, em 1979, organizado em conjunto com o CEBRAP e com o patrocínio da OAB e da ANPOCS. A segunda delas é bem mais recente, do ano de 1996, quando da comemoração dos 20 anos do CEDEC. Naquela ocasião, organizamos uma mesa-redonda intitulada “Brasil, brasis – desenvolvimento e inclusão social”. E agora, em 2001, estou dando início ao Seminário “Pensar o Brasil”.

Esses três eventos expressam de forma clara o que eu chamaria de “a cara do CEDEC”. Em pleno vigor da ditadura militar, tratava-se de trazer para o debate a questão do direito, da cidadania e da participação; em pleno período da consolidação das instituições políticas democráticas, tratava-se de promover um debate sobre a permanência das injustiças e desigualdades sociais em nossa sociedade e do que isso representa, como desafio, para a própria consolidação da ordem democrática no país; e

agora, na presente conjuntura de dúvidas e questionamentos, trata-se de criar um espaço para a reflexão sobre o que significa pensar o Brasil na atualidade. Uma reflexão radical, que não se contenta com mapear o que se faz mas lança a questão sobre *por que* pensar o Brasil (e não simplesmente “pensar o mundo”, digamos, ou a nossa subjetividade), para então perguntar-se sobre como isso vem sendo feito e como melhor fazê-lo.

Note-se que nessas três iniciativas, em intervalos tão díspares de tempo, prevalecem dois traços fundamentais ao CEDEC. O primeiro deles diz respeito ao predomínio do compromisso com a perspectiva democrática e com a ótica prospectiva e propositiva no tratamento das questões da nossa realidade social. Já o segundo concerne à preocupação permanente com desenvolver a capacidade e a sensibilidade do nosso corpo de pesquisadores para a identificação dos temas emergentes e urgentes suscitados pela própria sociedade brasileira, com a atenção sempre voltada para o que há de melhor e mais inovador no debate intelectual e científico.

Também merece destaque nessa trajetória cecequiana a capacidade que a instituição tem revelado de congregar intelectuais e pesquisadores de várias áreas, instituições e escolas de pensamento tanto na sua principal publicação, a revista *Lua Nova*, quanto nos eventos que organiza, garantindo assim a pluralidade e o caráter efetivamente diversificado do debate intelectual, no qual não se omite mas, pelo contrário, procura ativamente participar. Neste ponto, ressalte-se a multiplicidade de instituições não governamentais de distinta natureza com quem o CEDEC estabelece parcerias de cooperação.

Mas se com as observações apresentadas até o momento tento explicitar a razão do tema deste seminário, elas não dão conta da razão pela qual pesquisadores diretamente vinculados ao CEDEC não aparecem como expositores. A razão é simples, e inteiramente conforme ao que acabei de dizer sobre o perfil e as preocupações do CEDEC. Nada tem a ver com um acesso extemporâneo de humildade, nem com uma súbita perda de auto-estima. Trata-se de valorizar a capacidade de ouvir os amigos e buscar converter a atenção e o respeito com que os ouvimos em novos argumentos no interminável (espero) debate que nos une. Assim, nossa participação mais direta resume-se a esta abertura e à coordenação da primeira mesa pelo velho amigo do CEDEC Leôncio Martins Rodrigues, integrante de nosso Conselho Deliberativo, e à coordenação da terceira mesa pelo igualmente amigo Marco Aurélio Garcia, que compõe o Conselho Editorial de *Lua Nova*.

Mas a intenção é dupla. A segunda delas diz respeito a este evento se constituir num ponto de partida para o CEDEC buscar, a partir desse

novo estágio, promover uma inflexão na sua agenda de preocupações. (Talvez seja melhor dizer que se trata menos de uma inflexão do que de uma retomada em novas condições, de resto singularmente desfavoráveis, de um traço de origem). Em termos breves, trata-se de afirmar uma vocação de esquerda. Isso significa, entre outras coisas, buscar sistematicamente preencher uma lacuna no pensamento predominante, abrindo espaços para modos de pensar o Brasil mais independentes com relação à agenda pública ditada pelas políticas governamentais. Como se vê, a humildade efetivamente não é uma de nossas virtudes, mas certamente não será encolhendo-se num canto que o CEDEC se firmará como um centro autônomo de produção de conhecimento e de reflexão, com todas as dificuldades que disso possam resultar, mas que certamente não serão maiores do que aquelas que já vimos enfrentando nesse período mais recente.

Finalmente, gostaria de chamar a atenção para um outro fato da maior relevância, e que para a maioria de nós tem um significado especial: este evento estar sendo realizado no Centro Universitário Maria Antônia, portanto na USP, e mais especificamente neste Salão Nobre, onde presenciamos tantos momentos históricos fundamentais de nossa vida intelectual e política. É significativo que em 79 o seminário sobre “Direito, cidadania e participação” tenha sido abrigado pela PUC/SP, quando na USP havia resistências a acolher pesquisas e debates intelectuais comprometidos com as questões democráticas. Mas é mais significativo que este seminário agora seja abrigado pela própria USP, com a qual mantemos convênio de colaboração mútua desde 1987, simbolizando as mudanças institucionais processadas desde então, para as quais o CEDEC pretende ter contribuído dentro dos seus limites.

Em nome do CEDEC quero exprimir nosso especial agradecimento a Lorenzo Mammi, diretor do CEUMA, à prestigiosa presença do reitor da USP, nosso colega Jacques Marcovitch, aos participantes que prontamente aceitaram o convite para realizar as exposições neste seminário, e aos amigos convidados aqui presentes. Mas certamente este evento não teria saído do papel não fossem a competência e a agilidade da equipe administrativa do CEDEC, coordenada por Marleida Fischetti.

REITOR JACQUES MARCOVITCH – Minhas palavras são de cumprimento e de reverência ao Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. Em primeiro lugar por entender que este Centro vem trilhando brilhantemente o caminho da reflexão, que concilia o pensamento crítico à proposição de políticas públicas. A sua revista *Lua Nova* tem sido um meio de divulgação, não só do seu trabalho como do pensamento de intelectuais que têm pensado temas contemporâneos e as questões brasileiras. Iniciativas como as do CEBRAP e do CEDEC tornam mais densa a discussão dos nossos problemas estruturais.

Centros como estes surgiram em momentos de confronto, de dificuldades, quando na própria universidade seria difícil prosperar algumas iniciativas. Hoje não é mais o caso. A Universidade de São Paulo e os centros de estudos e pesquisa da qualidade do CEDEC ou do CEBRAP constituem espaços de complementaridade à universidade pública, universidade preocupada com os temas nacionais e com a estruturação de um novo Brasil.

Pensar o Brasil é uma tarefa à qual a USP vem se dedicando há 67 anos. Nos idos de 60, quando era proibido pensar o Brasil, insistimos nisso e pagamos caro. Esta casa que nos recebe hoje, foi um símbolo de resistência. Mais recentemente, sucedendo o professor Carlos Guilherme Mota, tive o privilégio de dirigir um instituto da USP, muito próximo às preocupações do CEDEC ou do CEBRAP, que é o Instituto de Estudos Avançados. Tivemos então a oportunidade de tratar de questões estratégicas. Aconteceu no Fórum Capital-Trabalho, no Projeto Floram, ou em estudos como os de Raymundo Faoro sobre a questão nacional, a modernização, ou de Francisco de Oliveira sobre a questão nacional e a hegemonia inacabada. São exemplos de temas que foram tratados, publicados os resultados das suas reflexões, e a *Revista Estudos Avançados*, do IEA, muito tem se inspirado na *Lua Nova* para encontrar espaço para essas revistas de caráter tipicamente pluridisciplinar, abordando em certos momentos, dossiês densos sobre temas específicos.

Nos últimos três anos, a Universidade de São Paulo vem aprofundando a sua tradição de trilhar o caminho do pensamento crítico e a discussão de políticas públicas, com as jornadas dedicadas à Saúde, Educação, Meio Ambiente, Segurança e Trabalho. Foram cinco jornadas em torno de cinco prioridades que nos afetam a todos. A crise energética que estamos enfrentando deve também constituir mais um tema estrutural e estruturante do nosso desenvolvimento.

Pensar exige muitas vezes uma atitude filosófica, mas no Brasil contemporâneo exige-se, principalmente, um olhar voltado para o mundo

real. Mais do que nunca é necessário pensar nas prioridades sociais da atual quadra histórica. Não basta o pensamento crítico.

O CEDEC está comemorando 25 anos de reflexão sobre o Brasil, dentro da melhor tradição universitária, que se fundamenta no pluralismo de opiniões. Na hora presente, o debate intelectual deve centrar-se nas questões concretas que inquietam o povo brasileiro. A qualificação dos coordenadores e expositores é uma garantia antecipada de que teremos os melhores resultados nas três mesas programadas.